

CE 572 Macroeconomia III

6. Desenvolvimento e mudança estrutural

Roteiro de estudo 16 – Thirlwall (2002, cap. 3) e Cimoli et al (2017)*

*Referência : THIRLWALL, A. (2002). *The nature of economic growth*. Cheltenham: Edward Elgar. Tradução brasileira, A Natureza do Crescimento Econômico, Brasília, IPEA, 2005; CIMOLI, M.; PORCILE, G.; MARTINS NETO, A.; SOSSDORF, F. (2017) “Productivity, social expenditure, and income distribution in Latin America”, *Brazilian Journal of Political Economy*, vol. 37, n. 4(149).

- Nos itens anteriores do programa constatou-se que tanto os autores neoclássicos, como os heterodoxos, distinguem dois motores do crescimento económico. Um deles é **endógeno** e o outro **exógeno**.
- O mecanismo **endógeno** que determina a velocidade de crescimento reflete a forma em que a economia está organizada e a maneira como ela funciona. Os **neoclássicos** representam esse mecanismo simplificadamente por meio da taxa de investimento e dos rendimentos decrescentes na função de produção. Os **heterodoxos** por meio do multiplicador e o acelerador (keynesianos), da demora entre a encomenda e a instalação dos equipamentos, da capacidade de autofinanciamento das empresas, do mark up, do uso da capacidade e das propensões a consumir de produtores e assalariados (Kalecki), da pauta de comércio exterior (Thirlwall), da reação dos produtores às variações da taxa de rentabilidade (Lavoie e Stockhammer).

- O mecanismo **exógeno** representa fatores que alteram a organização da economia ou a forma em que ela funciona, fazendo com que o crescimento atinja uma velocidade diferente (maior ou menor) da que resultaria endogenamente.
- Para os **neoclássicos** o progresso técnico ilustra a transformação das condições de produção que alteram o funcionamento da economia tornando possível uma taxa de crescimento mais alta. Os **heterodoxos**, identificam fatores que alteram a composição da demanda agregada e afetam a velocidade do crescimento. Para os Keynesianos é o gasto autónomo, para Kalecki são os “fatores de desenvolvimento”, para Thirlwall são os fatores que alteram a pauta (e as elasticidades-renda) do comércio exterior, para Lavoie e Stockhammer são os fatores que podem alterar a distribuição de renda ou a reação dos produtores à variação da taxa de lucro.

- O crescimento têm, portanto, dois componentes. O primeiro (**endógeno**) é o potencial de crescimento associado às características da estrutura da economia. O segundo (**exógeno**) refere-se o potencial de crescimento que é gerado pelo processo de mudança quando a estrutura se transforma.
- A distinção entre os dois componentes do crescimento é apenas conceitual, porque o crescimento observado empiricamente é uma combinação complexa dos dois. O “resíduo de Solow” não é observável, é estimado indiretamente. Também é “gasto autónomo” keynesiano não é diretamente observável, exceto as exportações, como fala o Thirlwall.
- Contudo, para a teoria e para as políticas de crescimento, a distinção conceitual é importante. Assim como a taxa de crescimento de longo prazo que também não é observável, mas é um conceito importante para pensar e avaliar políticas pró-crescimento.

- Thirlwall ilustra, no capítulo 3, como a **mudança estrutural** pode influenciar a taxa de crescimento económico de longo prazo. Refere-se especificamente a mudanças da estrutura produtiva. Cita **Kaldor**, um outro autor keynesiano, quem opinava que há diferenças nas contribuições ao crescimento dos setores que compõem a economia. Na década de 1960, o Reino Unido apresentava taxas de crescimento inferiores às de outros países europeus. Para **Kaldor**, o motivo era o encolhimento da participação da indústria britânica no PIB.
- A atividade industrial apresenta características que fazem com que sua contribuição ao crescimento seja maior que a dos setores primário e terciário. Diferentemente dos outros setores, nos quais a produção tem retornos à escala constantes, na industrial existem economias de escala positivas.

- A produtividade da indústria é mais alta que a dos outros sectores da economia e a diferença aumenta quando a indústria cresce porque existem economias de escala, consequentemente, a indústria tende a crescer mais rápido que os outros setores e age como locomotiva da economia.
- A produção industrial explora:
 - economias de escala “estáticas” (o aumento do produto é mais do que proporcional ao aumento da quantidade de fatores); e
 - economias de escala “dinâmicas” (a produtividade aumenta ao longo do tempo por conta da experiência adquirida no domínio da tecnologia de produção disponível).
- Dessa forma, a indústria é um motor de crescimento econômico mais eficiente que a agricultura, que a mineração e que os serviços.

- Essa visão foi sintetizada por **Kaldor** em três proposições que ficaram conhecidas como as “leis de Kaldor”:
 1. A taxa de crescimento da economia é função crescente da taxa de crescimento da indústria (quanto mais rápido cresce a indústria, mais rápido cresce a economia).
 2. A produtividade da economia é função crescente da taxa de crescimento da indústria (quanto mais rápido cresce a indústria maior a taxa de crescimento da produtividade média na economia).
 3. A taxa de aumento da produtividade na economia é função crescente da participação da indústria no PIB (quanto maior a participação da indústria no PIB mais rápido cresce a economia).
- Kaldor reconheceu que a segunda proposição já tinha sido enunciada anteriormente por **Verdoorn**. É conhecida como a “lei de Kaldor/Verdoorn”.

- As leis de Kaldor têm várias implicações importantes para a teoria do crescimento. Uma delas é que países com grande participação da indústria no PIB podem crescer mais rápido do que os outros. Esses países tem produtividade mais alta e conseguem exportar mais do que os outros (ver Roteiro de estudo 14, sobre os capítulos 4 e 5 de Thirlwall).
- Especificamente, para entender o papel da **mudança estrutural**, a implicação mais relevante é que países que desejem acelerar o crescimento devem promover uma ampliação da participação da indústria na sua economia. Em suma, devem alterar sua estrutura econômica em favor da ampliação do setor industrial.
- Antes mesmo do Kaldor enunciar suas leis em 1966, no Reino Unido, na América Latina outros economistas já tinham chegado na mesma conclusão, como pode ser constatado no documento da CEPAL de 1948.

- A industrialização propugnada pela CEPAL consistia em um processo de mudança estrutural da região que devia transformar economias primário-exportadoras e rurais em economias industriais e urbanas.
- A transformação representava uma mudança profunda tanto da demanda como da oferta da economia. Os parâmetros de todos os modelos de crescimento apresentados ao longo do semestre, neoclássicos e heterodoxos, mudariam ao longo do processo.
- O resultado seria a implantação de uma nova estrutura econômica, com maior dinamismo, ou seja, com uma taxa de crescimento de longo prazo mais elevada. Em síntese a industrialização implantaria uma economia com um componente endógeno de crescimento mais eficiente que o que existia anteriormente. Dessa forma, as economias latino-americanas poderiam crescer mais rápido e alcançar os níveis de bem estar dos países centrais.

- O exemplo da industrialização é útil para entender como a mudança estrutural influencia a taxa de crescimento da economia.
- Por um lado, a industrialização exige um aumento significativo do investimento. A implantação de fábricas e da correspondente infraestrutura (eletricidade, transportes, moradias urbanas, educação, saúde, etc.) demanda gastos vultosos. Exige também gastos na aquisição ou no desenvolvimento de tecnologia. A expansão da demanda resultante acelera o crescimento.
- Contudo, uma vez que o país se torna industrial, completa o processo de industrialização, o nível de gastos deveria diminuir e a taxa de crescimento deveria desacelerar. Claro que a indústria deve ser constantemente modernizada e ampliada, mas o nível de investimento não é comparável ao que ocorreu no processo de industrialização.

- O processo de industrialização teve o efeito de aumentar a renda per capita (a produtividade aumentou) e também um efeito de aceleração temporária, não permanente, da taxa de crescimento.
- Entretanto, isso não significa que a economia retorna à taxa de crescimento de longo prazo, anterior à industrialização. A estrutura da economia é outra. Mudaram os perfis de produção e de consumo, mudou o salário real, as estruturas de mercado, a distribuição de renda, a pauta de exportações e de importações, etc. A nova estrutura da economia está associada a uma nova taxa de crescimento de longo prazo.
- O efeito duradouro da mudança estrutural sobre a taxa de crescimento está associado às transformações que introduz na maneira como a economia funciona. Na ótica do **Kaldor**, a desindustrialização significou uma queda permanente da taxa de crescimento do Reino Unido.

- Autores keynesianos apontam corretamente que o gasto autónomo expande a demanda e estimula o crescimento da economia, mas os efeitos de longo prazo dependem do impacto na estrutura da economia. Desse ponto de vista é muito relevante a qualidade do gasto autónomo e não apenas o volume.
- O consumo autónomo, por exemplo, pode não mudar a estrutura da economia, já o investimento portador de inovações, tem esse potencial. **Kaldor** pensa que o investimento na indústria gera mais crescimento que o investimento nos serviços. Para ele a qualidade do investimento na indústria é diferente, por conta da existência de economias de escala.
- Os modelos neoclássicos não tratam das especificidades setoriais na economia, mas destacam atividades, como por exemplo a inovação, nos modelos de crescimento endógeno. Outros modelos neoclássicos diferenciam trabalho qualificado e não qualificado.

- De uma forma ou de outra, a teoria do crescimento, neoclássica e heterodoxa, reconhece o papel da mudança estrutural como fator determinante do ritmo de expansão da economia.

Comentários:

Um aspecto da mudança estrutural que a teoria do crescimento tem dificuldade em abordar é o da identificação dos fatores que originam as transformações. Quais são as forças que alimentam a mudança estrutural? A política econômica pode atuar sobre esses fatores?

Jones, um autor neoclássico bastante criativo tenta modelar os fatores que estimulam o progresso técnico, no lugar de simplesmente postular que ele existe e de mostrar seus efeitos, como o **Lucas**. Para tanto, recorre a um modelo de concorrência imperfeita onde os inovadores capturam uma parte da renda que resulta das inovações. A inovação é alimentada pela busca do lucro.

Schumpeter já tinha desenvolvido esse raciocínio nos anos 1920. Para ele, o lucro do inovador remunerava os empreendedores bem sucedidos. Mas ele pensava que o lucro não era a única explicação, o empreendedor era um aventureiro, movido também por outras motivações.

De outro lado, é evidente que iniciativas capazes de mudar a estrutura da economia dificilmente estão ao alcance de indivíduos isolados. Mudanças estruturais demandam esforços coletivos e mobilização de recursos materiais e financeiros em grande escala.

Mudanças isoladas dificilmente têm impacto suficiente para mudar a estrutura vigente. **Schumpeter** falava em pacotes de inovações que mudassem radicalmente padrões de produção e de consumo. Referia-se à revoluções industriais, que combinaram novas fontes de energia, novas infraestruturas de transporte, novas matérias-primas, novos estilos de vida, novas formas de financiamento, nova organização social.

Como acontecem esses movimentos? Quais fatores favorecem seu sucesso? O processo de industrialização na América Latina, por exemplo, foi impulsionado por movimentos políticos com ampla base social e, mesmo assim, enfrentou enormes obstáculos. No Brasil, que foi o país que mais conseguiu avançar na industrialização, o processo reverteu nos últimos trinta anos. A industrialização da China e dos países asiáticos teve como contrapartida a desindustrialização dos Estados Unidos. Como foi que essa mudança estrutural aconteceu?

Processos bem sucedidos de mudança estrutural envolvem aspectos e atores que a teoria econômica ainda está tentando compreender. O trabalho de **Cimoli, Porcile e outros (2017)**, indicado na bibliografia (p.661-667) mostra que no último ciclo de expansão das economias latino-americanas, no período do “ciclo das commodities” houve uma falta de sincronismo entre a redução da desigualdade obtida pelas políticas sociais e a ausência de mudança da estrutura produtiva.

- Os autores tentam mostrar que as transformações no plano institucional (políticas públicas) não foram acompanhadas por mudanças na estrutura produtiva que teriam sido necessárias para sustentar a ascensão social no longo prazo.
- O tema da relação entre as mudanças nos vários planos da vida social e econômica é importante e está no centro das interrogações sobre o que virá depois da pandemia. Como mudará o comportamento dos consumidores? Qual será a rentabilidade dos negócios? Como adaptar a infraestrutura urbana? E os sistemas de educação e de saúde? Como pagar a conta da disrupção da atividade econômica? Quais são os efeitos temporários e quais os permanentes? Quanto tempo demora a recuperação? Quanto poderemos crescer depois?
- Espero que a CE572 ajude vocês a acompanhar o debate com um olhar mais profissional e melhor informado. **FIM**